

ARQUITETURA VERNÁCULA, MATERIAIS, TECNOLOGIA, TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS

A TRADIÇÃO DO USO DA PEDRA NA CIDADE DE GRÃO MOGOL - MG.

NOVAIS, ANDREA LANNA MENDES

1. Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico de Minas Gerais
Rua Califórnia 840 / 902. Sion. Belo Horizonte - MG. CEP 30315-500
anovais@mpmg.mp.br

RESUMO

A região de Grão Mogol teve sua ocupação ligada à exploração diamantífera. A descoberta de diamantes, anunciada oficialmente em 1729, inaugurou um ciclo econômico especial na região do Norte de Minas. Esta descoberta atraiu para a região garimpeiros que fugiam das restrições impostas pelas autoridades do distrito diamantino, dando início à formação do arraial Serrinha, mais tarde Serra. A Serra de Santo Antônio do Itacambiraçu, antigo povoado da Comarca do Serro Frio, tornou-se o município que atualmente é denominado Grão Mogol. Dada a abundância da pedra na região, este material foi largamente utilizado nas antigas construções, civis e religiosas, que permanecem até os dias de hoje como uma herança daquele período. A pedra também foi utilizada no calçamento da antiga Trilha do Barão, construída pelos escravos do Barão de Grão Mogol, o senhor Gualter Martins Pereira, para ligar a sua fazenda ao Arraial de Grão Mogol, que é margeada por muros de arrimo e também em pedra. Este material também se encontra presente na pavimentação das vias do centro histórico, com variadas paginações e desenhos, inclusive contendo símbolos da maçonaria. A pedra ainda é utilizada nos dias de hoje como elemento integrante das construções de muros e foi elemento fundamental na construção do Presépio Mãos de Deus, maior presépio natural a céu aberto do mundo, construído em um sítio composto de um amontoado rochoso multiforme de pedras sobre pedras, em harmonioso desalinho, de beleza rara e grande impacto, que hoje é uma das principais atrações turísticas da cidade. O objetivo deste artigo é descrever e exemplificar as várias formas de utilização da pedra na cidade de Grão Mogol desde o seu surgimento até os dias de hoje.

Palavras-chave: Pedra; arquitetura; tradição; vernácula.

A TRADIÇÃO DO USO DA PEDRA NA CIDADE DE GRÃO MOGOL - MG.

Histórico de Grão Mogol

A região de Grão Mogol teve sua ocupação ligada à exploração diamantífera. A descoberta de diamantes, anunciada oficialmente em 1729, inaugurou um ciclo econômico especial na região do Norte de Minas.

Com a oficialização desta descoberta, a Coroa Portuguesa tomou medidas para melhorar a fiscalização e o controle sobre a atividade minerária: em 1734 foi estabelecida a Demarcação Diamantina e em 1739 foi implantado o regime de contratos para a exploração do diamante.

Numa outra tentativa de combater os descaminhos do diamante, o Marquês de Pombal, em 1771, decretou o monopólio real dos diamantes, extinguindo o regime de exploração por contratos, com a criação da Real Extração de Diamantes.

Por volta de 1781, foi organizada uma expedição no Arraial do Tijuco, que partiu em direção à Serra do Itacambiruçu, em busca de diamantes. Conforme descreve Lasmar (2005), “Tem-se como certo o ano de 1781 para assinalar a descoberta dos diamantes na Serra do Itacambiruçu”.

Esta descoberta atraiu para a região garimpeiros que fugiam das restrições impostas pelas autoridades do distrito diamantino, dando início à formação do arraial Serrinha, mais tarde Serra. A Serra de Santo Antônio do Itacambiraçu, antigo povoado da Comarca do Serro Frio, tornou-se o município que atualmente é denominado Grão Mogol.

Segundo a pesquisadora Henryria Márcia Ramos Oliveira, a região da Serra de Santo Antônio do Itacambiruçu foi povoada por indivíduos marginalizados na ordem social colonial, no período de 1768 a 1800.

Trechos de cartas e ofícios da época da descoberta dos diamantes evidenciam o adensamento populacional na região, bem como as medidas tomadas pela Coroa para assegurar a ordem na Serra e evitar o contrabando. Henryria (2011) afirma que " a serra do Santo Antônio foi um importante centro diamantífero descoberto no final dos anos 70. Logo foi infestada por garimpeiros o que desencadeou várias excursões punitivas, principalmente durante os governos de Rodrigo José Menezes e Luiz da Cunha Menezes, sendo que o primeiro chegou a comandar, pessoalmente, uma expedição militar à serra .

Para a região da Serra de Itacambiraçu, além de garimpeiros vindos do Tijuco, dirigiram-se aventureiros oriundos do sertão baiano. Nesse contexto, destaca-se a figura de João Costa que liderou os garimpeiros na Serra contra as tropas militares.

No ano de 1837 o Arraial de Grão Mogol pertencia ao termo de Minas Novas da Comarca de Jequitinhonha, dentro dos limites administrativos da chamada "Demarcação Diamantina". Segundo Silveira (1926) em 1840 o arraial foi elevado à categoria de Vila Provincial pela Lei 171. Em 1858, pela Lei 859, foi elevado à categoria de cidade.

Nos anos de 1839 e 1840, o Arraial da Serra de Grão Mogol passou a atrair muitos estrangeiros (portugueses, franceses, ingleses e belgas, entre outros). Como descreve Lasmar (2005), "essa circunstância prova que o diamante era abundante, de fácil extração e da melhor qualidade. Só assim explicaremos o número de estrangeiros que passaram a fazer parte da cidade de Grão Mogol".

Neste período, o povoado cresceu rapidamente, bem como a construção das casas de pedras típicas da cidade. A Igreja Matriz também construída em pedra é considerada uma das mais antigas do Norte de Minas. Segundo Lasmar (2005), "Outro documento importante, um atestado passado pela Prefeitura Municipal de Grão Mogol, datado de 1839, dava notícia da construção da Igreja, com a ajuda do povo e da verba de oitocentos mil réis do Governo da Província".

Durante décadas, Grão Mogol destacou-se como a mais importante cidade da região Norte Mineira, exercendo forte influência sobre municípios vizinhos. O processo de decadência ocorreria no início do século XX, com a queda na extração das pedras preciosas.

Mais recentemente, a falta de oportunidade de emprego fez com que os moradores locais iniciassem um processo de migração em direção às cidades próximas e aos grandes centros urbanos como São Paulo. Com isso a cidade estagnou no seu crescimento e a sua população residente decresceu. No entanto, o conjunto de prédios históricos e as manifestações culturais continuam como heranças marcantes daquela época. Preservadas pelo tempo, constituem-se em atrativos turísticos potenciais para o município.

Segundo informações encontradas na internet, existem duas versões quanto à origem do nome Grão Mogol: a primeira está relacionada com a descoberta em 1550 de um lendário diamante encontrado na Índia, com peso de 793 quilates que foi chamado de Grão Mogol. A segunda versão afirma que o nome está ligado ao fato de ter existido inúmeros conflitos, desordens e assassinatos no local dando origem ao nome “Grande Amargor”, que modificado localmente teria se transformado em Grão Mogor e depois assumindo a denominação atual.

A utilização da pedra na cidade de Grão Mogol

A cidade de Grão Mogol está inserida no contexto da Serra do Espinhaço, no extremo norte de Minas Gerais, sendo considerada a cidade histórica mais ao norte do Estado. A paisagem é caracterizada por afloramentos rochosos, presença de lapas, grutas, cachoeiras, sítios arqueológicos e caminhos coloniais enchem os olhos de quem visita Grão Mogol.

O fato de o município estar localizado em um maciço rochoso de arenito basáltico contribuiu para que a pedra fosse largamente utilizada nas antigas construções, civis e religiosas, principalmente nos anos de 1839 e 1840, quando a localidade passou a atrair estrangeiros em busca do diamante, e também no calçamento das ruas. Neste período também foi construída a Igreja Matriz, toda em pedra, considerada uma das mais antigas do Norte de Minas.

A pedra integra todo o sistema construtivo das edificações, desde os alicerces, até as alvenarias e acabamentos. É utilizada em forma bruta, cortada em filetes de espessuras distintas, assentadas umas sobre as outras, com interpolação de pedras menores, sem argamassa, resultando em alvenarias de grande espessura, com até 1 metro de largura. Trata-se de uma forma vernacular de produzir a arquitetura, feita sem arquitetos e

desenvolvida pela população para atender as necessidades de moradia e abrigo, sendo típica da região.

Nas construções foram empregadas as tecnologias tradicionais, passadas empiricamente e por meio da oralidade, utilizando recursos disponíveis no próprio local e em uma maior harmonia com o clima, o que garantia o conforto térmico da residência, conforme os costumes regionais. Além da linguagem arquitetônica tradicional, o processo construtivo é sustentável e proporciona as vantagens da durabilidade e resistência ao tempo, vento, fogo e água.

Este passado de riqueza e de bravura dos que ergueram estas raras e belas construções de pedras, que nos dá a sensação de que são estruturas permanentes, encontra-se presente até os dias de hoje, especialmente nas edificações situadas na rua Cristiano Relo, como uma herança daquele período.

Edificações

O exemplar mais significativo que utiliza o sistema construtivo em pedra é a Igreja Matriz de Santo Antônio (figura 01), que foi construída na segunda metade do século XIX por escravos cedidos por vários senhores da região, orientados por algum mestre construtor, possivelmente vindo do Tijuco.

A pedra foi utilizada em toda a sua estrutura, desde a fundação até nos detalhes, inclusive na sua parte interna. Tombada pelo município, foi restaurada em 2003 e recebeu iluminação cênica que valoriza ainda mais a sua arquitetura e dá o merecido destaque ao bem na paisagem urbana. Originalmente, a fachada principal possuía reboco sobre as alvenarias e na última reforma a matriz teve suas paredes de pedras reveladas. Seguindo este exemplo, a população tem removido o reboco das alvenarias de seus imóveis, deixando aparente o sistema construtivo, o que tem provocado questionamentos de especialistas da área de preservação.

De dimensões reduzidas, mas não menos importante, a Capela Nossa Senhora do Rosário também foi construída na segunda metade do século XIX por escravos, utilizando a pedra em toda a sua estrutura, desde a fundação até nos detalhes.



Figura 01 - Igreja Matriz de Santo Antônio em Grão Mogol. Fonte: Acervo pessoal.

Como exemplos de outras edificações construídas utilizando-se deste material e técnicas tradicionais em seus sistemas construtivos, podemos citar a casa de Cultura (figura 02), Loja Maçônica e muitas edificações residenciais, especialmente as localizadas na rua Cristiano Relo.



Figura 02 – Casa de Cultura de Grão Mogol. Fonte: Acervo pessoal.

Apesar de toda a importância da técnica construtiva tradicional em pedra, o que se verifica nos dias de hoje é o desinteresse da população local em preservar o “saber fazer”, o que foi constatado quando da restauração da Casa de Cultura. Construída em pedras, seria necessária a recuperação das alvenarias originais utilizando a técnica tradicional, sendo preciso, para isto, a contratação de mão de obra especializada. Houve grande dificuldade em se encontrar um mestre detentor deste conhecimento tradicional, sendo que o único localizado foi o senhor Manuelzão, já em idade avançada, e que não tem sucessores no seu ofício.

Verifica-se que muitas edificações contemporâneas ainda utilizam a pedra como elemento integrante das suas construções, entretanto, não mais como elemento estrutural como antigamente, mas como revestimento sobre as estruturas em concreto armado ou tijolos maciços. Preserva-se a aparência externa em pedra, entretanto a técnica construtiva tradicional vem se perdendo ao longo dos anos. Deve-se incentivar e estimular a manutenção e preservação deste saber fazer entre as novas gerações, para evitar que esta tradição construtiva se perca.

Calçamentos

Ao caminhar pelas ruas estreitas do município é possível encontrar testemunhos das atividades maçônicas que nele se desenvolveram. Muitas casas da antiga Rua Direita, hoje Cristiano Relo, eram ocupadas por membros da comunidade maçônica. Nela também se localizava a Loja Maçônica “Aurora do Progresso”, regularizada em 1875, cuja edificação mantém-se presente até os dias atuais. Ainda hoje se encontra no calçamento em pedra da rua o “Sol Maçônico”, símbolo que os membros mandavam desenhar em frente a suas moradias, o esquadro e o compasso, todos executados em pedras.

O calçamento das ruas do Centro Histórico também utiliza a pedra na sua pavimentação em pé de moleque, apresentando, em alguns trechos, desenhos na sua paginação, dando um caráter singular aos espaços (figura 03).



Figura 03 – Desenhos do calçamento no núcleo histórico de Grão Mogol. Fonte: Acervo pessoal.

A pedra também foi utilizada no calçamento da antiga Trilha do Barão (figura 04), construída em meados do século XVIII pelos escravos do Barão de Grão Mogol, o senhor Gualter Martins Pereira, para ligar a sua fazenda ao Arraial de Grão Mogol, que é margeada por muros de arrimo em também em pedra. Com 23 quilômetros de extensão, a rota, que atravessa a Serra Geral, está inserida nos 33 mil hectares referentes ao território do Parque Estadual de Grão Mogol, criado em 1998, com espécies endêmicas de fauna e flora.



Figura 04 – Calçamento em pedras da trilha do Barão em Grão Mogol. Fonte: Acervo pessoal.

Presépio Mãos de Deus

O mais recente exemplo da utilização da pedra no município se deu com a construção do presépio Mãos de Deus, maior presépio natural a céu aberto do mundo, idealizado e construído pelo sociólogo e economista Lúcio Benquerer e inaugurado em 09 de dezembro de 2011. Ocupa uma área de 3.600 metros quadrados, sendo 72 metros de frente para a rua principal da cidade, 50 metros de profundidade e 30 metros de altura.

Implantado seguindo o aclave natural do terreno e utilizando os afloramentos rochosos existentes como elementos integrantes do cenário, o presépio preserva a utilização tradicional da pedra, entretanto de forma distinta da técnica existente nas edificações antigas. Como elemento de composição e revestimento, a pedra está presente na pavimentação dos pisos, grutas e taludes existentes. As imagens do presépio não são em pedra, devido à dificuldade de esculpi-las no tipo de rocha existente, mas em concreto, entretanto possuem a mesma tonalidade e integram-se de forma harmônica no conjunto em que se encontram inseridas.



Figura 05 – Presépio Mãos de Deus. Fonte: Acervo pessoal.

Atualmente, o município sobrevive principalmente da agropecuária e do comércio. No entanto, a prefeitura vem apostando no turismo ambiental e cultural como alternativa

para o desenvolvimento econômico. Para isso, já foram tombados 42 bens, entre patrimônio natural, arqueológico, cultural e histórico.

Em 2014, por força da Lei Municipal nº 841 de 02 de janeiro de 2014, o centro histórico de Grão Mogol foi tombado pelo município em reconhecimento do valor cultural do conjunto e objetivando a sua preservação para as futuras gerações. Foi traçado um perímetro de proteção, que inclui o presépio Mãos de Deus, sendo vedada a demolição de bens tombados, inventariados ou com mais de 50 anos. Foram estabelecidas diretrizes para novas intervenções no núcleo objetivando evitar descaracterizações e preservar as características e atributos que justificaram a proteção. Também foi proibida a alteração do traçado urbano original e do calçamento, preservando-se também, a morfologia urbana existente.

O Decreto de tombamento também disciplinou a instalação e manutenção de engenhos publicitários, toldos e outros elementos potencialmente impactantes à ambiência urbana no núcleo e propôs o resgate dos antigos nomes de logradouros. Ou seja, o tombamento municipal objetivou a proteção não somente dos atributos materiais, mas também do aspecto simbólico e da memória coletiva.

O Centro Histórico de Grão Mogol também foi tombado pelo Iphan, aprovado pela Deliberação CONEP 02/2017, de 23 de maio de 2017, e inscrito nos Livros do Tombo I – Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico –, II – de Belas Artes – e III – Histórico, das obras de Arte Históricas e dos Documentos Paleográficos ou Bibliográficos. A proteção pelo estado vem reforçar a importância do antigo centro de Grão Mogol, cujo valor cultural extrapola os limites do município, passando a ser patrimônio de todos os mineiros.

Conclusão

Devido à abundância da pedra no sítio onde se situa a cidade de Grão Mogol, este elemento está presente não somente na paisagem, composta por afloramentos rochosos, grutas, lapas, sítios arqueológicos, caminhos e muros coloniais, mas também nas edificações, cercamentos e calçamentos das vias da cidade. É uma matéria prima de grande importância na história da cidade, tanto pela tradição do uso deste material, quanto pelas lembranças que ainda se fazem presentes nos dias atuais através das edificações e pavimentações preservadas no núcleo histórico.

As antigas construções se utilizavam da tecnologia vernácula, feita sem arquitetos, utilizando materiais locais, especialmente a pedra, e desenvolvida pela população para atender as demandas da própria comunidade, sendo típica da região. Esta arquitetura caracterizada pela durabilidade e resistência, encontra-se preservada em alguns imóveis do Centro Histórico de Grão Mogol. Entretanto, para que estas edificações sejam mantidas de forma íntegra para fruição das futuras gerações, é necessário que sejam tomadas as devidas ações de manutenção e conservação necessárias, utilizando a tecnologia tradicional.

Nota-se, entretanto, que este conhecimento e o “saber fazer”, passado empiricamente e por meio da oralidade, tem se perdido na cidade de Grão Mogol, principalmente devido à facilidade de obtenção e utilização de materiais contemporâneos, a falta de incentivo na manutenção da técnica e pelo desinteresse da nova geração em aprender com seus antepassados. Antigas construções, com poucas exceções, tem sido restauradas utilizando outros materiais que não a pedra, e novos edifícios são erguidos, utilizando a pedra como acabamento, não mais como sistema construtivo como antigamente. Entretanto, a pedra ainda destaca-se como um dos principais materiais de construção utilizados.

O crescente turismo ambiental e cultural, que tem se intensificado especialmente após a inauguração do Presépio Mãos de Deus, pode se tornar um aliado à preservação da arquitetura tradicional, se bem gerido. Para receber o turista é necessário melhorar a infraestrutura e preservar as riquezas e atrativos locais para que a visita aconteça e se mantenha. A preservação deve ter, além do caráter estilístico, embelezador, uma preocupação social com a população tradicional do lugar, que deve ser incluída nesse processo, visando à melhoria da qualidade de vida urbana. Deve-se valorizar a cultura e promover o fortalecimento da identidade local mediante o incentivo à preservação da técnica tradicional de construção em pedras e, especialmente, a formação de novos mestres construtores.

Refêrencias

CABRAL, Antônio Ferreira. O Sertão norte mineiro. Montes Claros, MG: Polígono, 1985.

ESTEVES, Manuel. Grão Mogol. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1961.

FURTADO, J. F. O Distrito Diamantino, 2009. Disponível em < [HTTP://WWW.fafich.ufmg.br/pae/apoio/distritodiamantino.pdf](http://WWW.fafich.ufmg.br/pae/apoio/distritodiamantino.pdf)>. Acessado em: 11 de Maio de 2011.

LASMAR, Jorge; VASQUES, Terezinha. Grão Mogol. Gráfica Líthera Maciel. Contagem, 2005.

OLIVEIRA, Henryria Márcia Ramos. *Honra, Cultura e Violência no Sertão de Grão Mogol, no período de 1830 a 1860*. Montes Claros: Universidade Estadual de Montes Claros, 2011.

PARRELA, Ivana D. *O teatro das desordens: garimpo, extravio, contrabando e violência na ocupação da serra de Santo Antônio do Itacambirucu-1768-1800*. Dissertação (mestrado em História). Faculdade de ciências humanas da UFMG. Belo Horizonte 2002.

PAULINO, Ana Amélia. *Grão Mogol: Uma Abordagem Histórica*. Montes Claros: Unimontes, 2006.

SILVEIRA, Victor (org). Minas Geraes em 1925. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926.

Fontes

Inventario Cultural do acervo cultural, histórico, artístico e ecológico de Grão Mogol, 1993.